

UM 25 DE ABRIL AO AR LIVRE

5 pontos sobre 20 painéis

1. Do direito e do torto

Há 40 anos não havia computadores (nem programas de paginação, nem photoshop, nem digitalizações, nem impressoras ao lado...). E mesmo as fotocópias, se existiam, só nas grandes empresas.

Eram as esferográficas, as máquinas de escrever, o stêncil, o copiógrafo. Isto para escrever, reproduzir, distribuir. Eram as tintas, os pincéis, os marcadores para fazer «bonecos» e afixar. Ou então era pintar directamente nas paredes. E, para alguns e nalgumas circunstâncias especiais, as tipografias, umas mais tradicionais do que as outras.

Apeteceu-nos reutilizar aqui esses abandonados modos de fazer em que as letras e os riscos, sem «autoria», saíam irregulares e tortos, com marcas de quem os fazia. Aqui inevitavelmente já muito contaminados pelas regularidades e facilidades de hoje.

Regressámos a fabricos passados, não por saldosismo ou revivalismo, mas porque essas «coisas tortas» foram mais eficazes então do que os cartazes e *flyers* que agora saem às toneladas dos «gabinetes de *design*» e que são publicados na net, limpinhos.

É que o «conteúdo» não pode ser separado da «forma», é que o «conteúdo» é outro se a «forma» for outra – uma «bandeira» (se tal coisa existe) da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio e que este homem teimosamente defendeu pelos anos fora.

Não era por as letras e os riscos serem tortos que as pessoas não acorriam há 40 anos aos muitos e diferentes chamamentos que assim se faziam. E cada comunicado, cada cartaz, cada página de jornal ou cada jornal mural tinha a sua razão. Reconhecida ou repudiada.

Experimentámos: o direito pode ser torto.

2. Do avesso e do direito

Estes 20 painéis não são «objectivos», não querem nem podem sê-lo. Não são «lição de história». Já há tantas...

Tentam apenas «repor» algumas «verdades» que alguns viveram e desdizer o que se ouve e lê a toda a hora: que o 25 de Abril é o grande culpado pela situação calamitosa que estamos a viver ou que a vida que temos hoje seria exactamente a mesma, tivesse ou não havido 25 de Abril.

Daí, insistirmos aqui na diferença entre o antes e o depois, no que mudou num dia ou em dois anos, mesmo se grandes transformações desapareceram, pelo menos à vista desarmada.

Por isso, insistimos em repetir nos títulos: **FIM A...** isto ou aquilo, coisas importantes. Diferente, é claro, de **FIM DE...** isto ou aquilo, o que infelizmente não aconteceu sempre.

São 20 painéis sobretudo destinados a quem nasceu depois e aos que, tendo vivido nesses tempos, deram pouco por tudo o que aconteceu nos dois anos de 25 de Abril.

Tentámos mostrar, quando isso cabia nestes poucos metros quadrados de tela, e evitando os no-

mes de pessoas e partidos, alguns «avessos» das coisas. A pensar que, como nos tapetes ou tapeçarias, se percebe melhor o direito quando se observa o seu avesso.

3. Do fácil e do difícil

Esta exposição, pensada para ser ao ar livre e itinerante, mistura «lugares comuns» – imagens que «toda a gente» conhece, frases do antes e depois que «toda a gente» já ouviu – com «pormenores» menos conhecidos ou que propositalmente se esquecem. Até inclui alguns documentos que existem no arquivo da Casa da Achada e que continuam a não fazer parte das «histórias da História» que, melhor ou pior, se continuam a fazer.

Pareceu-nos que essa «mistura» difícil facilitava os entendimentos possíveis daquilo que durante dois anos aconteceu inesperadamente e do que se foi perdendo depois (e, nalguns casos ganhando).

Outra coisa difícil: é uma exposição para ser lida. E a leitura demora. E o tempo é sempre pouco. Deveria haver um banquinho em frente de cada painel.

Sabemos que uns só lerão os títulos, outros as informações, outros os rodapés, uns as coisas grandes, outros as pequenas. Uns procurarão o que já sabem, outros o que não sabiam.

Como uma personagem numa peça didáctica de Brecht dizia, «muitas coisas há numa coisa só».

Ou seja: «simplificar» costuma complicar, pelo menos a compreensão das coisas, e «dificultar» pode simplificar muita coisa. Por exemplo, imaginar caminhos.

4. Do principal e do secundário

Nesta exposição alguns temas estão mais desenvolvidos do que outros. Não foi por acaso. Dedicámos painéis a assuntos que estão hoje na ordem do dia: a saúde e a segurança social, as escolas e as aprendizagens, os funcionários públicos. E alguns que têm mais informações e «pormenores» são aqueles com temas que gente que anda por «associações culturais» conhecem melhor e os incomodam ainda mais do que outros:

informação e comunicação, aquilo a que se chama «cultura», as artes e letras (uma e a mesma coisa) e não só.

São temas complicados – principais? secundários? – precisamente aqueles de que nas «Comemorações», na «História», na «Política» se fala menos. E que só costumam adquirir importância quando é de dinheiro que se trata: subsídios, programas e projectos financiados, «identidades» regra geral inventadas.

Para nós são os tais «pormenores» que é possível chamar para entender os «pormenores» – paz, pão, habitação, saúde, etc. As pequenas e as grandes mudanças, os «recuos» e os «avanços».

O «secundário» é muitas vezes «principal».

5. Do presente e do passado

Só podíamos partir dum texto de João Martins Pereira, escrito 10 anos depois do 25 de Abril, que fala do que foram os dois anos do 25 de Abril na vida de milhões de pessoas: viver mesmo, como nunca tinham vivido.

E, para fazer os painéis todos, era impossível não continuar com ele, com textos dele, sobre assuntos vários – uns textos de antes e outros de depois. Dele, que não nos perdoaria falarmos aqui tão pouco de economia.

E também com textos de Mário Dionísio, divulgados e por divulgar, que temos aqui no arquivo da Casa da Achada.

Percebemos então que estávamos a fazer uma espécie de homenagem. A duas pessoas desaparecidas que viveram intensamente o 25 de Abril, de gerações diferentes, de formações diferentes, com preocupações e saberes diferentes. Que não se conheceram mas que talvez se tenham cruzado sem darem por isso: João Martins Pereira e Mário Dionísio.

Coincidência: ambos se demitiram, nesses dois anos do 25 de Abril, de cargos que aceitaram a custo, explicando porquê: não conseguiram fazer onde estavam o que achavam que devia ser feito. O passado, pelo menos quando é excepção, pode ajudar a que vivamos o presente de outras maneiras.



Rua da Achada, 11
1100-004 Lisboa
tel. 218877090

casadaachada@centromariodionisio.org
www.centromariodionisio.org

Colaboraram na concepção e no fabrico desta exposição:
Catarina Barros, Clara Boléo, Cristina Mora, Diana Dionísio,
Eduarda Dionísio, Eupremio Scarpa, F. Pedro Oliveira, Lara Afonso,
Natércia Coimbra, Pedro Soares, Sónia Gabriel, Youri Paiva.

ESTA EXPOSIÇÃO PODE SER REQUISITADA POR ESCOLAS E ASSOCIAÇÕES